

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SAINT HILL MANOR, EAST GRINSTEAD, SUSSEX

CARTA DE POLÍTICA DO HCO DE 4 DE DEZEMBRO DE 1966

REMIMEO

N.º 9 DA SÉRIE DE ADMIN Know-How

EXPANSÃO
TEORIA POLÍTICA

Não é muito difícil captar o princípio básico subjacente a todas as Cartas de Política e organização.

É um facto empírico (observado e provado pela observação) que nada permanece exactamente na mesma para sempre. Essa condição é estranha a este universo. As coisas crescem ou diminuem. Não podem, aparentemente, manter o mesmo equilíbrio ou estabilidade.

Deste modo, as coisas ou se expandem ou se contraem. Não permanecem ao mesmo nível neste universo. Mais ainda, quando alguma coisa procura manter-se ao mesmo nível ou imutável, contrai-se.

Assim, temos três acções e apenas três. A primeira é a expansão, a segunda o esforço para permanecer em equilíbrio ou imutável e a terceira é contracção ou redução.

Como nada neste universo pode permanecer exactamente na mesma, então a segunda das acções acima (equilíbrio) tornar-se-á na terceira acção (redução) se não for perturbada ou uma força exterior não agir sobre ela. Assim, as acções dois e três acima (equilíbrio e redução) são semelhantes em potencial e ambas diminuirão.

Isto deixa a expansão como única acção positiva que tende a garantir a sobrevivência.

O pressuposto em todas as Cartas de Política é que temos a intenção de sobreviver e em todas as dinâmicas.

Para sobreviver, por conseguinte, temos que nos expandir como única condição segura de operação.

Se permanecermos ao mesmo nível, teremos tendência a contrair. Se nos contrairmos as hipóteses de sobrevivência diminuem.

Portanto, só nos resta uma hipótese, e esta, para uma organização, é a expansão.

PRODUTO

Para se expandir qualquer companhia necessita de ter um produto com procura, e da vontade e perícia para o produzir e entregar. Pode ser um serviço ou um artigo.

Se uma companhia tem um produto com procura e a vontade e perícia para o produzir e entregar, tem que se organizar para expandir. Se o fizer, sobrevive. Se se organizar para se manter em equilíbrio ou procurar contrair-se, perecerá.

Isto é fácil de observar nas nações. Quando uma procura manter-se igual ou diminuir, geralmente sucumbe. Não precisa de procurar apenas expandir as suas fronteiras. Pode também expandir a sua influência e serviços. Na verdade, o esforço para expandir as fronteiras de uma nação sem aumentar a procura da sua influência e produtos é uma causa primária de guerra. Se uma nação expandir a procura da sua influência e produtos, expandirá sem guerra. Quando uma nação procura expandir meramente pela força das armas e não expande a procura dos seus produtos, entra numa era de obscurantismo, ou pelo menos de catástrofe social.

Roma, no princípio, tinha grande procura da sua tecnologia social e perícia de manufatura e apenas um traço de crueldade a fez empreender a guerra para expandir. A Britânia, por exemplo, estava pronta a acolher os cestos, cerâmicas e arte romana e tinha-os pedido durante quase um século quando as ambições perversas de César na realidade destruíram o suave progresso de Roma, impondo a expansão pelas armas, por cima da procura dos produtos romanos. Este era um produto romano que ninguém queria - César e as suas legiões.

O produto da psiquiatria, mais insanidade, não foi procurado pelas pessoas mas pelo Estado que procurava esmagá-las, ou pelo menos mantê-las em baixo. Portanto a psiquiatria expandiu através de leis governamentais e não por procura popular, estando assim, à data que escrevo isto, em perigo de extinção total, visto a sua influência depender totalmente de "expandir" através de legislação e tesourarias dos governos, e não de qualquer procura do público, nem de um produto, a não ser matanças.

A Igreja Católica Romana dispôs em tempos de um produto curativo, através de tratamento real e relíquias ou milagres, e era muito procurada pelo público e, por fim, até pelos bárbaros. Porém, começou a combater o progresso da ciência e do conhecimento, e o seu produto transformou-se em ignorância apoiada por autos de fé (queimar vivos os hereges) e assim deixou de expandir e hoje está a contrair-se rapidamente.

Antes disso, o Budismo tinha expandido continuamente porque nunca procurou nova extensão do seu território a não ser o conhecimento. O Budismo falhou na Índia apenas porque os seus monges se tornaram desregrados, deixaram de prestar os ensinamentos verdadeiros e foram varridos, muito provavelmente, só na Índia, pela conquista dos Maometanos desse infeliz país algures por volta do século VII.

A Grã-Bretanha do século XX procurou activamente contrair o seu império e fê-lo ao som de uma catástrofe económica interna.

PRINCÍPIO ÚNICO

Logo, deveria ser evidente que a contracção conduz à morte e a expansão à vida, desde que a procura em si mesma e a vontade e perícia de produzir e entregar um produto se mantenham.

Se o produto é muito benéfico, tal como acontece com o nosso, e continuarmos a produzi-lo e a entregá-lo, a procura está assegurada. Nisto temos sorte. E também temos sorte de que nenhum squirrel, por mais que tente, seja alguma vez capaz de copiar o nosso produto, visto que uma variação (a da mudança de marca) leva a outras; e em breve eles não têm nem produto nem procura - esta observação é ela mesma empírica. Nenhum squirrel se manteve por mais de 2 ou 3 anos nos últimos dezasseis anos. E houve muitos. O facto deles fazerem squirrel manifesta má fé suficiente para afastar o público no momento em que este sabe que há um original.

Assim, desde que mantenhamos a vontade e a perícia para produzir e entregar, podemos expandir, e uma expansão correcta continuada é possível.

Toda a nossa política é então construída sobre a EXPANSÃO.

Ela assume que desejamos sobreviver.

E dá ênfase à produção e entrega de um produto correcto e não squirrel.

Está calculada para garantir uma procura contínua e em alta, assegurando que o produto permaneça bom e benéfico.

A própria tecnologia é completa, mas também expande com a experiência da sua administração e a simplificação da sua apresentação.

Porém, alterar os fundamentos da tecnologia deterá a expansão, porque é o que nós estamos a produzir, não o que estamos a construir.

Estamos a construir um universo melhor. Não tem sido até agora um bom universo em que viver, mas pode vir a ser.

A nossa força punitiva é o nosso sistema de Ética, e existe para garantir a qualidade do produto e para evitar o enfraquecimento da procura do produto.

INTERPRETAÇÃO DA POLÍTICA

A organização tem pois toda a sua política montada para expandir.

São necessárias muitas coisas para garantir a expansão.

Assim, ao interpretar a política, ela deverá ser interpretada apenas em relação à EXPANSÃO como o único factor que a governa.

Isto pode servir para clarificar perguntas acerca da política. A interpretação correcta conduz sempre à expansão, e não a manter o mesmo nível nem a sua contracção.

Por exemplo, a política proíbe a entrada no campo do tratamento. Isto unicamente porque há demasiados problemas com os ocupantes desse domínio e apenas uma guerra aberta (sem procura) poderia resolver. Isto parece ser um obstáculo à expansão. É um obstáculo à expansão apenas por ser uma guerra na ausência de uma procura.

Portanto, o caminho correcto para expandir é construir gradualmente a procura do público em geral, deixar que o público aprenda por experiência que nós curamos, e quando a procura estiver aí, gritando por nós, reinterpretar a política ou aboli-la por ser um obstáculo à expansão. Como só podemos expandir através da procura externa do produto, se procurarmos expandir na ausência de uma procura específica do produto, teremos guerra; e a guerra não conduz a mais expansão do que a queima de hereges e outras brutalidades conduziram o movimento Católico.

Portanto, uma pessoa interpreta a política de acordo com a *expansão adequada*.

EXPANSÃO CORRECTA

A expansão que, quando realizada, pode manter o seu território sem esforço, é uma expansão adequada e correcta.

Hitler (tal como César) não "consolidou o território conquistado". Não foi possível fazê-lo, não porque ele não tivesse tropas, mas porque não existia uma procura real da tecnologia germânica e da sua filosofia social antes da conquista. Assim, Hitler perdeu a guerra e a Alemanha fascista morreu. É quase impossível consolidar território para o qual não se foi convidado, para começar; e a força teve que ser usada para expandir.

Pode-se retirar um verdadeiro supressivo pela força para então assegurar que a procura cresça, contanto que não procure empurrar o produto para o supressivo e para os que o rodeiam.

O supressivo, como indivíduo, pode ser retirado pela força porque representa um factor anti-procura que usa falsidades e mentiras a fim de evitar que a procura ocorra. Porém, ao afastarmos o supressivo, temos que assegurar-nos de que a nossa própria produção e entrega continuam correctas e honestas e de forma alguma supressivas seja do que for, a não ser de supressivos.

Além disso, devemos deixar pelo menos uma fresta da porta aberta e nunca a bater com ela na cara de ninguém porque daí pode ainda desenvolver-se alguma procura.

A única maneira de começar uma toda uma revolução é bater definitivamente com a porta. Uma pessoa pode sempre deixar uma frincha. O supressivo pode retratar-se e pedir desculpa. O pobre pode, através de certas acções, por improvável que seja, obter serviços. etc.

Em resumo, use a força apenas para deter factores falsos e anti-procura. No entanto, deixe sempre uma frincha na porta para o caso de se desenvolver uma procura sem violência. Nunca feche definitivamente a porta a uma possível procura.

Você pode estimular a procura. Pode criá-la. Mas só pode expandir confortável e adequadamente na direcção da procura.

O afastamento de um supressivo só traz uma aparência potencial de procura na área que ele dominava. Esse potencial, através de certos meios o melhor dos quais é boa disseminação e exemplos de serviços, deve transformar-se em procura antes de podermos verdadeiramente ocupar território.

Desta forma, áreas tomadas exclusivamente pela força das armas, nunca podem ser mantidas pela força das armas na ausência da procura de produtos e, portanto, da procura da parte da área a ocupar e consolidar.

Como dispomos de um produto que liberta e desaberra no sentido mais amplo, existe, é claro, um fim para o jogo. Mas ele está tão longe no futuro e abrange todo um universo, que requer apenas uma consideração mínima.

A expansão exige uma área para que expandir. E não estamos em perigo de que ela se esgote.

Se estivéssemos dependentes, como as nações muitas vezes pensam, da expansão de fronteiras num planeta, ou da população de um planeta, como as companhias pensam, teríamos quebras à expansão apenas devido às limitações territoriais ou de população. Mas não é provável encontrar tais barreiras desde que possamos considerar a nossa expansão potencial como infinita; e somos a única organização que a pode honestamente considerar assim. De qualquer forma, não estamos a conquistar terreno no sentido governamental.

EXPANSÃO EXCESSIVA

Portanto, todos os factores na política estão dispostos para a expansão.

E isto origina uma possibilidade de nos poderem interrogar sobre a expansão excessiva.

Pode haver "expansão excessiva" adquirindo território demais rápido demais sem saber como manejá-lo. Pode conquistar-se território novo tão depressa quanto se queira SE soubermos como manejá-la situação.

Existem diversas maneiras de "expandir em excesso". Todas elas se reduzem a linhas de administração demasiado longas numa única unidade administrativa.

Em relação a isto devemos conhecer o princípio sobre o qual o organograma foi originalmente concebido. É o princípio Thetan-Corpo-Mente-Produto.

Se existe um theta, uma mente (uma organização potencial, não uma massa daninha) pode ser montada, uma mente que irá organizar um corpo que irá gerar um produto.

Se faltar algum destes elementos (Thetan-Mente-Corpo-Produto), então a organização falha.

O Homem está tão aberrado que todas as acções mentais lhe parecem acções da mente reactiva. Mas tem que haver nas organizações uma unidade de coordenação de dados, problemas e soluções a fim de formar um corpo. (Dispondo da sua memória, percepção e inteligência, um theta pode fazer isto sem muita massa). Temos então um Conselho Consultivo para coordenar os dados adquiridos, reconhecer e resolver problemas. Acima tem que haver um theta algo desligado dele. Pode ser uma mente superior (um Conselho Consultivo) actuando como dirigente do Conselho Consultivo inferior.

A mente deve operar para formar um corpo. Este corpo é o mest (matéria, energia, espaço e tempo) e o staff da organização.

Este corpo deve gerar um produto. No HGC, por exemplo, são casos resolvidos.

Qualquer parcela menor da organização é também um Thetan-Mente-Corpo-Produto. Com frequência o executivo é o theta e a mente, mas logo que o tráfego se torna pesado demais ele tem que formar uma mente separada tal como uma comissão administrativa ou staff pessoal para formar a mente. Até nesta unidade, mais pequena do que a organização, existe um corpo (o staff e Mest da unidade). E *tem* que existir um produto específico. O produto às vezes está ausente, outras, incorrectamente atribuído, mas se assim for a unidade não funciona.

A expansão excessiva só ocorre quando se tenta manejá um maior volume com os mesmos números de Thetan-Mente-Corpo-Produto.

Isto explica porque profissionais isolados não podem expandir a sua prática sem ficarem sobrecarregados.

Também explica porque alguns executivos ficam aflitos com a ideia de expansão, pois eles (que não têm perspicácia organizacional) só a vêem como excesso de trabalho. Não vêem que quando o volume e o tráfego expandem, a organização tem que expandir.

Existe uma forma errada e uma forma correcta de expandir uma organização.

A maneira errada é acrescentar staff e meios sem fim (como os governos tendem a fazer) sem aumentar a própria organização.

Havendo regularmente grande afluência, em breve a organização entraria em colapso caso não expandisse também em *unidades organizacionais ou filiais*.

Ao tomar conta de um novo campo ou área de operação, por exemplo, é errado acrescentar esse tráfego ao tráfego da organização básica.

Na presença de volumosa afluência em aumento progressivo, deves analisar-se as causas e reforçá-las. MAS deve também ver-se que ESPÉCIE de novo tráfego está a ser acrescentado.

Descobrindo tratar-se uma nova ESPÉCIE de tráfego, então estabelece-se uma unidade sub-organizacional para o manejá, completa em si mesma.

Se estamos agora a obter "homens de negócios" em quantidade, estabelecemos, sob controlo da organização antiga:

1. Um theta para supervisionar
2. Uma mente para coordenar
3. Um corpo para manejá, e
4. Um novo produto chamado "homens de negócios liberados/aclarados".

Se em seguida descobrirmos que a nova unidade (lutando agora para se formar em 7 divisões) tem muita procura e estatísticas altas no Curso de Executivo de Organização, deve abandonar o treino gratuito e fixar-se como "Academia de Negócios" para ensinar o Curso de Executivo de Organização como Dept 10, nomeando um theta, mente, corpo, e obtendo um produto, "homens de negócios treinados", e providenciar unidades de apoio noutras divisões e uma unidade de Ética para evitar o enfraquecimento da procura e a re-aberração. Isto pode até funcionar ao contrário. Pode criar-se em Disseminação uma unidade chamada "Secção de Promoção do Projecto de Curso de Negócios", estimular a procura e em seguida, quando ela existir, criar o seu Departamento 10.

Em breve todas as sete divisões terão unidades extra para se ocupar desta nova acção, cada unidade com um Theta-Mente-Corpo-Produto. Os produtos são diferentes, mas resumem-se todos a "homens de negócios treinados", quer estejam a criar procura, a financiar ou a dar serviços.

Por conseguinte, *expansão excessiva* é principalmente apenas falta de organização.

Pode, é claro, "expansão em excesso" tentando dar serviços na ausência de procura, ocasionando assim perdas financeiras. Neste caso concentre-se apenas em criar *nova* procura, não em servir velhas procuras. A propósito, este é o erro mais comum das nossas organizações. Elas encolhem-se porque não estão a criar uma *nova* procura e concentram-se apenas em criar procura naqueles que já estão a procurar (o que é uma solução de facilidade e preguiça).

Desenvolver a nova procura é dispendioso. Por isso vemos muitas vezes as unidades financeiras falar o sobrolho às despesas da "nova procura", cortando no número das revistas, não adquirindo listas de correio, etc.

Para iniciar uma nova sub-organização, baseamo-nos na procura potencial, instalamos a ética para evitar o enfraquecimento da procura ou mau serviço ou desempenho internos, trabalhamos para aumentar a procura, introduzimos serviço, instalamos ética externa para evitar o enfraquecimento da procura, aumentamos a procura por meio de disseminação em áreas *novas e antigas*, aumentamos os serviços, garantimos o produto, aumentamos a organização (não apenas o staff), aumentamos a procura em áreas novas e antigas, endurecemos a ética, melhoramos os meios de serviço, etc., etc.

É uma expansão constante do volume, uma expansão constante da organização, uma expansão constante da procura. Quando uma se atrasa em relação às outras, temos dificuldades.

É quase impossível dirigir com facilidade uma organização que não expande. Entramos em crises financeiras, perturbações no staff e excesso de trabalho. A decadência instalou-se. E lutar contra ela é certo que sobrecarrega um executivo. O caminho mais fácil é expandir. Então obtemos ajuda.

Resumo: para compreender a política há que compreender a sua chave, e esta é a expansão.

Só uma organização de Cientologia tem um horizonte ilimitado. Mas qualquer organização deve expandir para sobreviver.

As únicas formas de se poder "expandir em excesso" são deixar de expandir com a nova procura e de manter o nível de expansão organizacional assim como dos números.

É mais fácil expandir do que "permanecer em equilíbrio".

As organizações e unidades que não expandem não podem manter-se ao mesmo nível e por isso contraem.

Os executivos e o pessoal da organização estão sobrecarregados apenas quando não podem permitir-se expandir, não podendo desta forma obter o auxílio de que necessitam para fazer o trabalho, acrescendo o facto de que a contracção causa mais problemas do que a expansão.

As organizações de Cientologia são concebidas para a expansão.

A expansão requer uma expansão de todos os factores envolvidos, e quando alguma coisa expande fora do ritmo com o resto que não está a expandir à mesma velocidade, surgem dificuldades.

A expansão uniforme da procura, Ética e serviço em novos campos e áreas, bem como em antigas áreas de operação, é necessária para obter actividades livres de perturbações.

Cada membro e unidade de uma organização tem um produto que, embora diferente, contribui para o produto total da organização.

O produto final da Cientologia é um universo decente e feliz onde viver, e não tornado degenerado e infeliz pelos supressivos como tem sido. Isto é realizado pela desaberração dos indivíduos e a prevenção contra o enfraquecimento da procura e re-aberração pelos supressivos, e eis o método de expansão.

Se nestes primeiros tempos de Cientologia tivemos algumas perturbações, estas ocorreram devido a um desequilíbrio anterior da expansão.

A procura foi criada sem manejar os supressivos, e essa expansão desequilibrada deu-nos um atraso no manejo da ética da sociedade. Tudo o que temos a fazer é pôr em dia o nosso atraso nas funções organizacionais que não expandiram quando o deveriam ter feito, e tudo correrá bem.

Cada vez que as funções não expandem todas uniformemente, obtemos a aparência de expansão excessiva de algumas funções. A melhor solução não é cancelar as funções expandidas que foram longe demais, mas alcançá-las expandindo aquelas cujo apoio negligenciamos. Terá dificuldades sempre que cortar uma expansão, pois isso é contracção. A resposta racional é fazer avançar tudo o mais para alcançar a porção expandida, enquanto continua, mais calmamente, a expandir.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR